

## **A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA A MULHER NO DISCURSO DO PERFIL “O POETEIRO”**

*Juliana Lima Façanha (UFMT)*  
[jufacanha@gmail.com](mailto:jufacanha@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo tem o intuito de analisar, pautada nas discussões de Pierre Bourdieu, *posts* publicados pelo perfil “O Poeteiro”, no Instagram, enquanto instrumento que perpetua a violência simbólica contra a mulher, promovendo as relações de desigualdade de gênero.

**Palavras-chave:** Violência simbólica. Bourdieu. Mulher. Internet.

### **1. Introdução**

Com o crescente surgimento de comunidades e perfis virtuais em redes sociais, nos deparamos com alguns que focam na supervalorização do imaginário masculino de macho viril e conseqüente desvalorização das mulheres na internet, sendo nítido o tratamento dispensado a elas em posição inferior ao homem. Em geral, esses perfis colocam a mulher como parte sensível nas relações sociais e utilizam a ideia de objetificação do corpo feminino, legitimados pelo argumento mascarado que alimenta a denominação masculina: o humor (é tudo brincadeira!).

A violência simbólica levantada por Pierre Bourdieu é uma das violências previstas na Lei Maria da Penha. Essa violência é a mais aceita entorno das redes sociais, pois entende-se que piadas, cantadas ou algumas situações que perpetue a objetificação da mulher, perpetue o olhar da mulher como objeto, não é uma violência propriamente. Esse fato se dá devido à cultura patriarcal machista construída historicamente, em que há severos limites impostos à cultura feminina, promovidos também pela religião.

Segundo Pierre Bourdieu (1989, p. 10) a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

A cultura dominante se dá por meio de uma força simbólica que, para Pierre Bourdieu (1998, p. 25) é uma força de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.

No viés do *habitus*, a violência simbólica se encontra intrínseca na produção de símbolos e significados que constroem a sociedade e impõe, arbitrariamente, o discurso dominante, induzindo os indivíduos a reproduzirem tais discursos veiculados socialmente e o reconhecem como legítimo. Discursos proferidos em atos de violência simbólica se assemelham a categoria de poder simbólico.

Segundo Pierre Bourdieu, o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Entendemos que no referido objeto em análise, o poder simbólico do discurso machista se faz presente.

Assim como nos deparamos com diversas manifestações de violência simbólica no dia-a-dia, nos deparamos com discursos violentos em diversos perfis virtuais cujo anonimato nos parece também dar respaldo às publicações. Um dado interessante é o elevado número de participantes dessas comunidades/perfis. Muitas ultrapassam 1 milhão de seguidores, tanto homens quanto mulheres.

Profundamente delineado por Pierre Bourdieu, ter consciência da violência simbólica nos remete ao litígio da tradição masculina de superioridade nas mais variadas esferas sociais, sua construção e, principalmente, a manutenção dessa opressão, mediante o ideário de natural, habitual. A base da violência são os ambientes que apoiam a ideia da clássica superioridade do homem, que encontra na própria sociedade condições para sua disseminação.

Nessas condições, é fundamental lembrar que toda violência tem como ponto de partida, em algum momento, a violência simbólica e só pode ser colocada em prática a partir das disposições sociais unificadas pelo *habitus*, cada qual de acordo com suas experiências sociais. No perfil analisado vemos não apenas mensagens que provocam o humor no leitor, mas uma relação autoritária, de atribuição de valor as mulheres, ao

corpo feminino, de desvalorização, acima de tudo, que esse mercado/campo social promove.

## 2. *Fundamentação teórica*

### 2.1. Poder simbólico e dominação masculina

Para lançar mão da análise aqui desenvolvida, se faz necessário ter clara a noção de poder simbólico proposta por Pierre Bourdieu. Para o autor, a potência dos sistemas simbólicos prove das relações de força que neles se exprimem e só se manifestam em forma irreconhecível de relações de sentido.

O poder simbólico está diretamente voltado às palavras e de acordo com Pierre Bourdieu, o que produz esse efeito nas palavras é a "crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras".

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURIDU, 1989, p. 15)

A obra *Dominação Masculina* desenvolve uma inestimável análise para mostrar em função de quais mecanismos e estruturas sociais a superioridade masculina torna-se legítima, acolhida e até imunizada pela sociedade, tanto homens quanto mulheres. Pierre Bourdieu aborda elementos que estão presentes no cotidiano para defender a tese de que se aceita a ideia de domínio que se evidencia nas práticas e que de certa forma teria fundamento da dicotomia daquilo que é de natureza masculina e de natureza feminina, diariamente.

Para Pierre Bourdieu (1999, p. 10) a diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente, da divisão social do trabalho.

Na contramão da construção do gênero devido à natureza biológica, o autor elenca a constituição da identidade masculina e feminina quanto puramente social. De certo modo, há uma expectativa em relação aos comportamentos a serem praticados, pois espere-se que estes estejam no padrão de um universo social delineado, que só poderá ser compreendido ao analisar o momento histórico específico de determinada sociedade.

A dominação masculina encontra, assim reunidas todas as condições de pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (BOURDIEU, 1999, p. 22)

São diversos os exemplos que poderiam ser citados para corroborar com essa discussão. Um deles é a mudança no comportamento social devido às transformações do vestuário feminino. É preciso analisar as sociedades de acordo com os séculos para se entender os padrões. Entretanto, um padrão ainda se faz presente: rosa é para meninas, azul para meninos (desde o enxoval da criança)!

Os exemplos são intermináveis e para compreender a dominação masculina, é preciso entender o que se exigia do comportamento masculino em outras épocas. A cultura masculina sempre foi cercada de preceitos voltados à força, a virilidade, ao sustento da casa, ao poderio patriarcal. Por outro lado, a sensibilidade, a emoção e o choro/lágrimas os foram negados, pois não competiam à definição de masculinidade.

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto equidade do *vir*, *virtus*, questão de honra, princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progeneritura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. Compreende-se que o falo, sempre presente metaforicamente, mas muito raramente nomeado e nomeável, concentre todas as fantasias coletivas de potência fecundante. (BOURDIEU, 1999, p. 10)

## **2.2. Violência simbólica**

De todos os tipos de violência, a simbólica é a mais complexa de se perceber e a mais tolerável também, principalmente pelo fato da associação do termo violência apenas com atos físicos que são feitos contra os corpos das pessoas e que, obrigatoriamente, provocam ferimentos, cortes, sangram e causam dor física. A violência simbólica que Pierre Bourdieu se refere não é esta. Trata-se de algo internalizado, ainda que suscitem dores incuráveis para o agredido porque todas as ameaças a autonomia, à igualdade e a tudo o que impede a pessoa de exercer livremente os seus direitos é uma espécie de violência. Desse modo, os ferimentos provocados pela violência simbólica não estão explícitos nos corpos.

Segundo Pierre Bourdieu (1999, p. 27) o fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes.

Quando se prega a ideia de que as mulheres não têm força para ascender a cargo de poder e decisão política (que política é coisa de homem, futebol é coisa de homem, entre outros) poucos questionam. As instituições pouco se explicam e pouco incentivam as mulheres a poderem ocupar esses cargos políticos. Ao mesmo tempo, mais de 50 % da sociedade brasileira são mulheres, que são submetidas a esses valores que as deixam de fora. Isso torna a violência simbólica, ao mesmo tempo fácil de se instalar, difícil de se combater. As regras de funcionamento político trazem injustiça contra grupos como mulheres, indígenas, negros e homossexuais (a extrema minoria ocupa cargo político).

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensa-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 1999, p. 23)

A violência simbólica está permeando todas as instituições sócias. Um bom questionamento seria: como é que as instituições sociais promovem violência simbólica?

### 3. *Análise*

Na tentativa de responder ao questionamento anteriormente apresentado, propomos aqui, aparados pelas teses levantadas por Pierre Bourdieu, refletir acerca da violência simbólica presente no discurso de alguns *posts* que circulam no perfil “O poeteiro”. De início, já podemos identificar que os *posts* são evidências da dominação masculina incorporada pelo sexo e pela força, que considera o corpo feminino passivo de dominação na esfera social.

O paradoxo dessa violência simbólica, em um perfil que a promove, é que essa promoção também se dá por mulheres, a parte violentada, devido, dentre outros fatores, ao *habitus* da utilização do humor e da ironia para esconder a violência, tornando-a “suave, invisível as suas próprias vítimas, que se exercem essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 1999, p. 7). Interessante observar a presença do humor para legitimar a violência simbólica do perfil. Isso fica claro devido ao conteúdo dos comentários, com expressões que simulam gargalhadas (kkkkkkkkk, huashuashuas, rrsrrsrs...)

Observe o *post* e os comentários que o seguem:



<https://www.instagram.com/p/BL19eEdDSkW/?taken-by=opoeteiro>

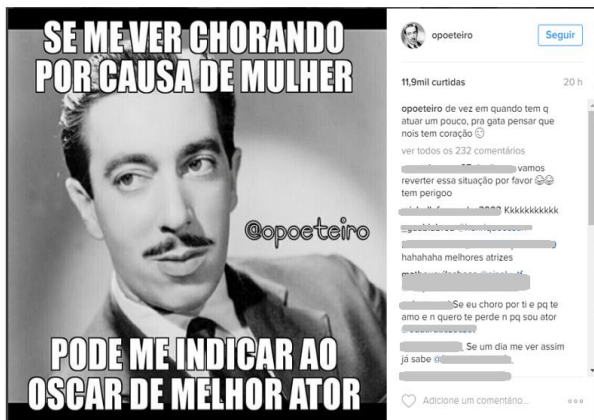
Não é preciso esforço para entender o caráter agressivo de frases machistas construídas historicamente em que a mulher é subjugada, inferiorizada, postadas pelo perfil: a presença de termos como “puta”, “piriguete”, “vou comer”, “foi comida”, “mete a piroca”, entre outros, são frequentes e comprovam. A expressividade da sexualidade feminina é bastante suprimida pelo provável pensamento de castidade. A mulher é vista como aquela que expõe o corpo de maneira vulgar, adepta da promiscuidade sexual. Caso isso ocorra, ela será duramente atacada.



[https://www.instagram.com/p/BL9QfaxjL\\_H/?taken-by=opoeteiro&hl=pt-br](https://www.instagram.com/p/BL9QfaxjL_H/?taken-by=opoeteiro&hl=pt-br)

A violência simbólica não se processa senão através de um ato que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que se confere seu “poder hipnótico” a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, ameaças, censuras, de um mercado de bens simbólicos cuja lei fundamental é que as mulheres nele não tratadas como objetos que circulam de baixo para cima. (BOURDIEU, 1999, p. 27)

A respeito dos padrões supracitados anteriormente, encontramos a afirmação do senso comum, “homem não chora”, como atributo da afirmação da masculinidade. Para Romeu Gomes (2008, p. 240), as considerações sobre masculinidade hegemônica no âmbito das relações de gênero podem subsidiar a discussão da violência cometida contra a mulher, bem como da própria violência que ocorre entre os segmentos masculinos.



<https://www.instagram.com/p/BMKBlEDvTq/?taken-by=opoeteiro&hl=pt-br>

O fato de haver um número expressivo de mulheres que seguem, curtem e comentam os posts vem de encontro com a tese levantada por Pierre Bourdieu de que o dominado não tem consciência da violência que a ele é inferida, fato comprovado pela ideia de que se trata de um perfil de humor. Nesse ponto, o humor tem papel fundamental que contribui com a promoção da violência: a de mascarar, tornar invisível a agressão para as próprias vítimas por meio do senso comum.

Pierre Bourdieu afirma que a representação social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. (BOURDIEU, 1999, p. 22)

No *post* que se segue, a representação construída ao redor da imagem masculina é a de um sujeito que se impõe sexualmente em relação à mulher, uma vez que ele domina as ações dela (*Toda mulher precisa de um homem...*). Ao assumir esse discurso, ele se legitima para conduzir a relação. Na sequência, a objetificação do corpo feminino é expressa pela expressão “gosta de uma coisa que a mulher”, referência clara ao órgão sexual feminino, o que permite construir uma representação da mulher enquanto objeto sexual, além do enunciado “*o que eu quero com você se faz pelado*”, presente no *post* subsequente.





<https://www.instagram.com/p/BMFkEPLD6le/?taken-by=opoeteiro&hl=pt-br>



<https://www.instagram.com/p/BLzZ8tjjaEg/?taken-by=opoeteiro&hl=pt-br>



<https://www.instagram.com/p/BMHtZEMD3LW/?taken-by=opoeteiro&hl=pt-br>

São diversas manifestações de violência simbólica que o perfil apresenta – mais de 4 mil postagens, que unidas formam um conjunto de representação aceita socialmente, como base em preceitos impostos há séculos que conferem as mulheres um estatuto de subalterna. A violência simbólica, aqui, nos parece indissociável do espaço de objetificação do corpo da mulher, elemento que, infelizmente, determina a forma instituída da fonte de toda a violência contra as mulheres e contra o feminino.

#### **4. Conclusão**

A partir da leitura e análise interpretativa dos posts acima, concluimos, por intermédio da teoria proposta por Pierre Bourdieu que o discurso centrado no homem, na sua força e domínio impostos sob as mulheres se faz presente com muita expressividade e reitera o discurso patriarcal. Esses discursos reproduzem o estereótipo dicotômico: mulher versus homem, divisão do que a mulher pode fazer e homem pode fazer.

A violência simbólica ampara e dá força a outros tipos de violência, como a física, por exemplo. É preciso lançar luz sobre a violência simbólica contra a mulher para ter consciência desses contornos e evitá-las.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOURDIEU, Pierre. *Dominação masculina*. Trad.: Maria Helena Küher. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Trad.: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOMES, Romeu. A dimensão simbólica da violência de gênero: uma discussão introdutória. *Athenea Digital: Revista de Pensamiento e Investigación Social*, n. 14, p. 237-243, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2736191.pdf>>.